

Quintal urbano como lugar de afetividade: os vazios de interiores de lotes em Patos de Minas

Urban backyard as a place of affectivity: the voids of lot interiors in Patos de Minas

JENNIFER KIRCHNER DA SILVA

Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo (UNIPAM)

E-mail: jenniferks@unipam.edu.br

ADRIANE SILVÉRIO NETO

Professora orientadora (UNIPAM)

E-mail: adrianesn@unipam.edu.br

Resumo: Esta pesquisa pretendeu analisar transformações da cidade de Patos de Minas, entendendo interiores de lote como lugares de afetividade mediadores entre casa e rua, por meio de mapeamentos redesenhados a partir do Google Map, rastreando e compreendendo as ocupações urbanas nesses quintais, seus apagamentos e as consequentes perdas nas dimensões históricas e culturais. Como objetivos específicos, propôs-se investigar os significados desses locais em referenciais teóricos, em alusões mnésicas e em políticas públicas, procurando compreender a proporção de quintais e suas utilidades. Metodologicamente, desenvolveram-se uma revisão bibliográfica das questões conceituais e históricas sobre o território selecionado e um levantamento de dados morfológicos e urbanos do recorte estabelecido, caracterizando suas propriedades físicas e influências urbanísticas. Investigaram-se registros desses vazios em acervos do museu da cidade, em coleções fotográficas e em registros fotográficos atuais dos quintais ainda presentes, ilustrando as relações nestes locais.

Palavras-chave: quintais urbanos; interiores de lotes; lugares de afetividade.

Abstract: This research aimed to analyze transformations in the city of Patos de Minas, understanding interiors spaces within lots as sites of affectivity mediating between home and street, through redrawn mappings based on Google Maps, tracing and understanding urban occupations in these backyard spaces, their erasures, and the consequent losses in historical and cultural dimensions. The specific objectives were to investigate the meanings of these locations in theoretical references, mnemonic allusions, and public policies, seeking to understand the proportion of backyards and their uses. Methodologically, a bibliographic review of conceptual and historical issues regarding the selected territory was conducted, along with a survey of morphological and urban data of the established area, characterizing its physical properties and urban influences. Records of these vacant spaces were investigated in the city museum archives, photographic collections, and current photographic records of the still-existing backyards, illustrating the relationships in these locations.

Keywords: urban backyards; interior spaces within lots; sites of affectivity.

1 OS QUINTAIS DE PATOS DE MINAS - EVOLUÇÕES URBANAS E AS OCUPAÇÕES DOS INTERIORES DE LOTES

Até recentemente, os quintais eram áreas importantes como espaços de lazer e de usufruto cotidiano, que ofereciam refúgio urbano aos residentes donos dessas propriedades. Em cidades de pequeno e médio porte, os espaços abertos e protegidos por muros e cercas, localizados no interior dos lotes, normalmente ao fundo, ocupado por massas vegetativas frutíferas, hortas e jardins, entre outros, ainda desempenham funções complementares às desenvolvidas no espaço edificado da casa, variando de acordo com os modos de vida cotidiano dos moradores. Tendo os quintais como dispositivos que representam parte do seu passado e do presente, grande parte dos moradores de Patos de Minas ainda são culturalmente ligados à natureza e aos modos de vida rural, mesmo habitando as cidades, e dão aos quintais significados que vão além da ideia de espaços funcionais e utilitários, que reverberam para a vida privada e coletiva. A artista visual Mara Nogueira Porto, ao relatar a experiência de ações poéticas concebidas em Patos de Minas, descreve os quintais:

Os quintais estão presentes na vida urbana, acolhidos por muros e paredes, como um lugar nas casas protegido por um desejo de uma privacidade. O muro não separa apenas uma habitação, uma área construída; ele separa pequenos espaços permeáveis entre si que nos proporcionam um ambiente privado de experiências, descobertas, lazer e encontros. Lugares que podem parecer apenas limitações de porções de terra vermelha ou argilosa, mas que carregam potencialidades afetivas e vivas da vida mineral, vegetal, animal e humana. São verdadeiros espaços vitais (PORTO, 2017).

Porto (2017) relata ainda uma diminuição dos espaços de paisagens naturais e constata a existência de ilhas de paisagens naturais sendo cada vez mais delimitadas pelo crescimento urbano desordenado, privando as pessoas do convívio mínimo com a natureza.

Assim como qualquer outro centro urbano, Patos de Minas caracteriza-se por ser muitas cidades em uma, composta por grandes avenidas bem cuidadas, empresas e indústrias, escolas, serviços diversos, bairros conhecidos como “nobres” e bairros não tão nobres assim. Os vazios urbanos também são presenças frequentes dessa complexa estrutura e suas estranhas convivências. Essa cidade em questão participa de um processo de expansão de atividades industriais e de serviços que impulsionam o seu crescimento. Essas expansões já dão indícios de problemas e insinuam pioras na condição da cidade, como congestionamentos, falta de áreas verdes e de lazer, impactos ambientais e desconfortos térmicos pela falta de vegetação e utilização de materiais que retêm o calor e colaboram com o aumento de sensação térmica, altos níveis de poluição do ar, ruídos provenientes da constante construção civil e dos meios de transporte.

De acordo com dados levantados pelo IBGE (2010), Patos de Minas vem tendo um crescimento acima da média nacional. Mapear a condição desses quintais é

importante porque esses levantamentos podem colaborar com outras análises sobre o crescimento da área urbana central.

Ao fazerem um mapeamento dos fragmentos de Cerrado no perímetro urbano de Patos de Minas, Saulo Gonçalves Pereira e Alice de Fátima Amaral afirmam que, no mapa de Patos de Minas de 1986, apesar de o número de nascentes que se encontravam no perímetro urbano ter diminuído em quantidade e qualidade, foram constatados cerca de 19 córregos dentro do perímetro urbano e uma ampla área de vegetação ciliar. Essas reduções de quantidade e qualidade se devem ao crescimento do perímetro urbano com a construção da capital Federal em Goiás, que definia, assim, novas dinâmicas do espaço geográfico brasileiro. Os autores falam ainda sobre a quantidade de praças:

A quantidade de praças aumentou consideravelmente em 190% em 20 anos o que é um grande ganho, sobretudo para a manutenção da temperatura e habitat para a fauna, porém no planejamento da arborização de ruas e praças, deve-se levantar a caracterização física de cada rua, para definição dos critérios que condicionam a escolha das espécies mais adequadas a cada região. Os fragmentos e áreas verdes descaíram em sua quantidade, o que é explicado pela urbanização desmedida, assim alguns problemas apresentados na cidade, como por exemplo: enxurradas, voçorocas em locais de declive, desmatamentos das nascentes são facilmente percebidos (PEREIRA; AMARAL, 2007).

Passados quase 40 anos, as transformações são ainda mais impactantes. Com o crescimento da cidade tornando-se cada vez mais intensificado, as qualidades morfofisiológicas ficam cada vez mais evidentes. A área central da cidade e a área histórica são lugares onde há o reconhecimento visual legível dessas transições e transformações. Assim como outras tantas cidades brasileiras, Patos de Minas passa por degradação e esvaziamento, muitas vezes, de forma invisível aos olhos de seus usuários. Essa degradação passa também pelo apagamento dos quintais nessa região. Guilherme Mazza Dourado (2004), ao abordar sobre vegetação e quintais da casa brasileira, relata que estes quintais formalizaram os primeiros espaços verdes urbanos, antes da estruturação de passeios e parques públicos, que só começaram a ser implantados no país, a partir do século XVIII.

Se existiram ambientes imprescindíveis no Brasil colonial, foram os quintais. Extensões orgânicas da casa rural e urbana, eles foram palco de boa parte das atividades cotidianas e despensa que garantiu a subsistência familiar, em uma época na qual, de modo geral, havia precárias redes de produção e comércio de alimentos. No campo, funcionaram como balão-de-ensaio da agricultura trazida pelo colonizador. Na cidade, formalizam os primeiros espaços verdes, bem antes da constituição de passeios e parques públicos (DOURADO, 2004).

Essa região central, que antes era constituída de volume expressivo de residências em condição mista com o comércio, hoje passa por grandes transformações de uso, tornando-se prioritariamente constituída por comércio e prestação de serviços. Os usuários utilizam essa área como lugares de passagem e não mais de permanência, já que a população não residente na área é muito maior que a população fixa. O déficit habitacional e a não utilização desses lugares para moradia por essa população flutuante geram um movimento e vida apenas no horário comercial, limitando a cena social e cultural nessa área. Dessa forma, as demandas por moradia deixam de ser um problema recorrente nessas áreas.

Heliana Comin Vargas e Ana Luisa Howard de Castilho, no livro *Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados* (2015), apontam que os centros urbanos começam a diluir-se pela expansão das áreas urbanas e pelo aparecimento de outros subcentros que passam a concorrer com o centro principal e afirmam que esse processo foi, sem dúvida, responsável pela deterioração e degradação dos centros urbanos.

Os conceitos de deterioração e degradação urbana estão frequentemente associados à perda de sua função, ao dano ou à ruína das estruturas físicas, ou ao rebaixamento do nível do valor das transações econômicas de um determinado lugar. Deteriorar é equivalente a estragar, piorar e inferiorizar. Já a palavra degradação significa aviltamento, rebaixamento e desmoronamento [...] (VARGAS; CASTILHO, 2015).

Segundo Vargas e Castilho, os ecos da degradação se estendem para além das estruturas físicas dos espaços urbanos, atingindo os grupos sociais.

Ao mesmo tempo em que os centros se congestionam pela intensidade das suas atividades, amplia-se a concorrência de outros locais mais interessantes para se morar e viver. Assiste-se ao êxodo de atividades ditas nobres e à saída de outras grandes geradoras de fluxos, como as implementadas pelas instituições públicas. A substituição faz-se por atividades de menor rentabilidade, informais e, por vezes, ilegais e praticadas por usuários e moradores com menor ou quase nenhum poder aquisitivo [...]. Essa imagem da deterioração/degradação e seus efeitos afetam os diferentes atores envolvidos de forma distinta, de acordo com os respectivos interesses e segundo a conjuntura local, cada vez mais internacionalizada. As intervenções urbanas propostas e executadas de modo a conter esse processo têm apresentado diversos objetivos e estratégias, com resultados, algumas vezes, inesperados [...] (VARGAS; CASTILHO, 2015).

Alguns aspectos justificam a necessidade de estudar esse processo de desaparecimento e a relevância dos quintais permanentes como lugares de afetividade, já que, como afirma Wanderlene C. F. Reis (2015), “os quintais remanescentes constituem recursos icônicos e simbólicos importantes para socialização e transmissão de cultura para as famílias e seus descendentes; portanto, são ambientes de desenvolvimento”. Desde então, os quintais urbanos vêm se conformando como lugares propagadores de economia local entre famílias que estabeleciam redes de trocas de produtos extraídos de seus quintais, reforçando as relações sociais e culturais dessas comunidades, já que passa a ser de sua responsabilidade (espontânea) a preservação de conhecimentos acumulados pelas gerações. São essas comunidades que, ao reconhecer a relevância de uma erva ou de uma árvore, comprometem-se com a preservação ambiental e a sua manutenção. Entretanto, apesar da relevância do aspecto ambiental e do caráter de apoio econômico e medicinal dos quintais, essa pesquisa pretende reconhecer os quintais como construtores de um contexto de vida afetivo entre a pessoa e o lugar. Culturalmente, ainda hoje, a presença de pomar e o plantio de ervas medicinais são parte integrante desses quintais como lugares de abastecimento de subsistência e de convivialidade doméstica. Mas até quando?

O centro de Patos de Minas é de grande importância na história da cidade, sendo geograficamente a primeira área de implantação do traçado urbano da cidade, marco importante em seus substratos e referências de sua sociabilidade, na cultura e na identidade local de seus cidadãos.

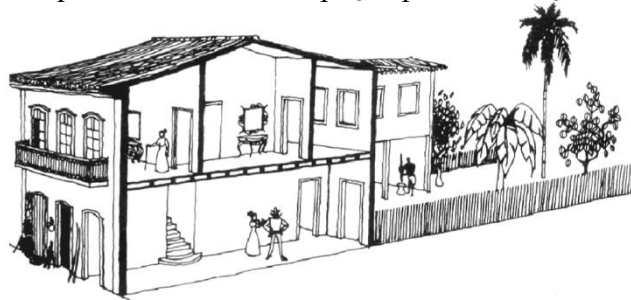
A relação do homem com a terra no Brasil se dá antes mesmo da colonização, sendo visivelmente reconhecida essa interação com a terra e seus substratos nas comunidades indígenas. Com a dominação portuguesa, a inserção do homem na terra se altera, mas, ainda assim, as ordenações régias apresentadas na Carta Real de 1736 estabeleciam formas de ocupações que favoreciam a permanência de espaços vazios no interior dos lotes para necessidades fisiológicas como alimentação, e, na falta de médicos e hospitais, o conhecimento dos indígenas sobre ervas curadoras seria muitas vezes utilizado para cura (SILVA, 2004). Todas as construções de casas deveriam deixar um espaço para os quintais.

O arquiteto e sociólogo Nestor Goulart Reis Filho (1968), ao coordenar os estudos da evolução urbana no Brasil desde a origem do processo de colonização, chama a atenção para as deformações que, ainda hoje, caracterizam a rede urbana do presente. Goulart sistematiza a organização espacial dos centros urbanos coloniais e descreve cinco elementos estruturantes dessa organização: A - Situação; B - Sítio; C - O traçado; D - Bairros e Zoneamento; E - Construções. No terceiro elemento estruturante, O traçado, o autor aborda as regularidades de traçado, as ruas e praças e as quadras e lotes. Na narrativa de Goulart, já há um pronunciamento característico desses quintais como vazios urbanos:

As quadras, quando completamente edificadas, compunham-se de uma linha contínua de construções, dos lados as ruas, com um grande vazio constituído pelos quintais, na parte interior [...]. Internamente, porém as dimensões das quadras sendo grandes, estendiam-se os

quintais em vazios que contrastavam, de modo violento, com a aparência de concentração das vias públicas (REIS FILHO, 1968).

Figura 1: Esquema de sobrado do Brasil Colonial com o quintal ao fundo, onde se encontravam pomares, hortas e espaços para as criações de animais



Fonte: Reis Filho, 1968.

O professor Carlos Lemos (1989), que também desenvolveu uma importante pesquisa sobre a arquitetura colonial ao descrever as casas nesse período, indica que espaços como as cozinhas e as salas de jantar tinham aberturas para o quintal, favorecendo assim uma maior participação na vida cotidiana dessas moradias brasileiras como vista e como abastecimento alimentar, muitas vezes de primeira necessidade, que iam desde a criação de galinhas, pomares com mangueiras, abacateiros, limoeiros e hortas até a feitura da farinha. Ele explica que, nos fundos das casas, fechava a fila a cozinha, a varanda alpendrada que dava acesso ao quintal, onde sempre havia um arremedo de instalação sanitária (LEMOS, 1989).

Ao abordar em sua tese de doutorado sobre a etnobotânica africana em terreiros, quilombos e quintais de Belo Horizonte, a geógrafa Ângela Maria da Silva Gomes (2009) descreve os quintais como espaços de relações homem/natureza, de saberes que não só expressam como também desenham outra cidade. Os quintais ocupados por comunidades com culturas diferentes geram arranjos diferentes desse íntimo vazio urbano.

Nas áreas urbanas, sobreviveram áreas com importante biodiversidade: esses espaços são denominados quintais. Comuns no entorno da casa dos negros e pobres, mas podem aparecer em calçadas, becos de vilas e lajes. Possibilitam a convivência com plantas, pequenos animais e vida cultural. Festas de casamento, congados, batizados, pagodes e churrascos passam por ali. Os quintais com plantas promovem encontros e trocas, processos de socialização e relações de vizinhança, que poucos imaginariam existir e resistir nas cidades modernas impermeabilizadas (GOMES, 2009).

Gomes (2009) redefine a concepção de quintais dada por Reis Filho, ao afirmar que quintais estão dispostos em fragmentos residuais do terreno da casa:

Nas áreas urbanas, os quintais estão dispostos nos espaços residuais do terreno da casa, na frente ou no fundo das casas, podendo ocupar lajes, becos, calçadas ou lotes abandonados pelo poder público ou privado [...] Também podem ocupar essa área de plantas, as roupas e, às vezes, os animais... (GOMES, 2009).

A permanência de quintais urbanos corre o risco de extinção em cidades médias com perfis semelhantes à cidade Patos de Minas, que tem intenções “cosmopolitas” e, por isso, promove o crescimento urbano em processos acentuados de verticalização em grande parte de seu território central, que é, muitas vezes, a área de origem dessa cidade, ou seja, lugares de existências dos quintais mais antigos dos núcleos urbanos.

Abordar sobre lugares de afetividade implica considerar que os quintais, além de territórios físicos no espaço urbano, são também construções simbólicas no imaginário dos indivíduos que usufruem deles. Essas construções simbólicas adquirem diferentes formas de identificação com o seu entorno, que varia de pessoa para pessoa. Essa identificação estabelece laços afetivos e, por consequência, gera a necessidade de valorização e preservação desses lugares.

O quintal é composto e modelado por seus moradores com base nos significados por estes atribuídos ao lugar. Portanto, é um microssistema construído pelas pessoas que vivem nele. Trata-se de um espaço cultural que depende das avaliações, primeiramente afetivas e depois cognitivas, pois parece estar associado, na perspectiva dos participantes, ao desejo de liberdade, de solidariedade e de amor (REIS, 2015).

2 QUINTAIS E VALORES SIMBÓLICOS

O espaço urbano não é constituído exclusivamente por seus elementos físicos estruturantes. Ao contrário, como citado acima, os vazios e as manifestações culturais produzidos pelos indivíduos que os constituem também são aspectos componentes de uma cidade que apresenta inúmeros significados. A cidade seria um conjunto de espaços ricos em estímulos de percepção ambiental e sensorial que se transformam em signos da cidade. Esses signos são responsáveis pela qualificação do espaço e sua consequente identificação sociocultural, consolidadas por nossas referências de memória. Segundo Lucrécia D’Aléssio Ferrara (1997), os signos são códigos de comunicação enquanto prática cultural.

Toda prática humana para que seja confirmada e conhecida é inserida através de signos, e o modo dessa representação revela como age o sistema econômico-sociocultural sobre nossa maneira de pensar e nos expressarmos, [...] O modo de representação e a lógica que a constitui gera o elemento que compõe essa comunicação econômica-sociocultural, sendo o elemento básico da

apreensão do real. E essa comunicação não precisa ser exclusivamente verbal, pois nos comunicamos o tempo todo também através da imagem que queremos passar, seja ela na maneira com que nos vestimos, ousamos no corte de cabelo, ou escolhemos marcas afim de nos representar socialmente e explicitar nossos gostos (FERRARA, 1997).

Nesse sentido, os quintais seriam alguns dos exemplos urbanos que se encaixam como elementos significantes e que merecem ser observados como potencialidade, contribuindo para o olhar crítico dessa cidade. Wanderlene Cardozo Ferreira Reis (2015) aproxima esse vazio afetivo dos interiores dos lotes, carregados de significados que sustentam o nosso bem-estar nesses ambientes, que é interpretado por cada pessoa de acordo com suas experiências pessoais.

Os significados semiótico-culturais são promovidos por componentes afetivos que funcionam como uma borda permeando o intervalo de abertura entre a pessoa e o ambiente. Quando as trajetórias diferenciais de elaborações semióticas, que emergem de motivos “cosmológicos”, organizam as nossas percepções e imaginações em um campo cultural significativo, os processos afetivos agem promovendo ou restringindo os comportamentos em contextos ambientais (REIS, 2015).

Reis (2015) aponta ainda que a organização semiótica dos sentidos é afetiva e cognitivamente elaborada por pessoas que pertencem a um campo cultural específico, no caso os quintais: lugares de relação de dois contextos sociais (a casa e a rua). Os quintais são também lugares que permitem experiências comunicativas de formas dinâmicas, possibilitando a construção de valores; são cenários presentes em vários acontecimentos da vida de famílias detentoras desses espaços. Os acontecimentos e memórias são determinantes para que os quintais urbanos se concretizem e adquiram a especificidade de lugar.

A vida do desabrochar das flores, o crescimento das ervas que curam as mais variadas doenças, mas também, das árvores que nos dão seus frutos sem nenhuma hesitação; o quintal é testemunha ocular do nascer e do morrer dos animais domésticos; sem dúvidas, é o cemitério dos pequenos animais que faziam parte da família. É, ainda, onde as festas se realizam entre o frescor puro e o cheiro de mato, da erva-cidreira e do capim-limão. Um espaço onde a liberdade se amplia independentemente do tamanho físico do lugar. Onde as relações se estreitam, entre os vizinhos e os da “rua”. Um lugar que realimenta o nosso estado afetivo e, assim, o nosso potencial de ação,

enquanto que, simultaneamente, nos relacionamos com esse lugar, transformando-o (REIS, 2015).

Sendo um lugar situado entre a casa e a rua, como um habitat particular, os interiores de lote fazem parte da vida comum da família, assumindo uma função importante para os processos psicológicos e sociais. São constituídos de elementos característicos e, por isso, podem ser a extensão da identidade dos lares e da cidade.

3 QUINTAIS: ESPAÇOS LIVRES OU NÃO LUGARES NAS CIDADES?

O pesquisador e urbanista Eugênio Queiroga (2006) compreende o espaço livre como um dos elementos definidores da forma urbana, sendo toda área descoberta, urbana ou não, vegetado ou não, pública ou privada, defendendo a ideia de que, para o entendimento do papel dos espaços livres na cidade, é necessário ultrapassar a análise dos espaços em públicos e vegetados. Segundo o referido autor, seria fundamental identificar todas as áreas não construídas na cidade: espaços privados intralotes, lotes e glebas ociosas, ruas, passeios além das ruas, avenidas, praças, jardins, rios, matas, mangues, praias. Dessa forma, os quintais se enquadram na categoria de espaços livres. Amorin (2015), em sua pesquisa sobre o sistema de espaços livres na forma urbana de Patos de Minas, fala sobre os espaços intralotes:

Os principais espaços privados em Patos de Minas são: os espaços livres intra-lote (quintais, jardins e afastamentos), estacionamentos, áreas condominiais, alguns espaços livres para praticas sociais (campos de futebol, kartódromo, Parque de Exposições), glebas urbanas não loteadas e os espaços livres relacionados ao meio rural (sítios, fazendas, chácaras, áreas de plantio, pastos, etc.) dentre outros (AMORIM, 2015).

Nos processos de leituras sobre os espaços livres, destacam-se as diferentes definições sobre os interiores de lote, mas suas definições não são estabelecidas exclusivamente por suas morfologias. A identidade coletiva também determina como os indivíduos apreendem o ambiente em que vivem e habitam, sentindo-se pertencentes àquele lugar, como um microssistema construído pelas pessoas que o frequentam. A extinção desses espaços intralotes implica a perda de sociabilidade na cidade e de memórias coletivas. Entretanto, a ideia de extinção se dá não só pelo apagamento físico dos quintais, mas também pelo entendimento desses espaços como não-lugar. “O mundo da Supermodernidade não tem as dimensões exatas daquele no qual pensamos viver, pois vivemos num mundo que ainda não aprendemos a olhar. Temos que reaprender a pensar o espaço” (AUGÉ, 1994, p. 38).

O sociólogo Zygmunt Bauman (2009), ao analisar os problemas da sociedade contemporânea, salienta que o contexto atual das cidades é determinado por inúmeros fatores em consequência do processo de industrialização, concentração populacional, crescimento demográfico e globalização, entre outros fatores. Arelados a esses

problemas urbanos, o medo, a insegurança e a fragilidade fazem parte da vida cotidiana e pública dos indivíduos no espaço urbano.

Como não-lugar, é o espaço não-indenitário, não relacional e não histórico e corresponde a autoestradas, baixios de pontes, margens de rios, assim como aeroportos, hotéis, hipermercados e outros, podendo provocar no grupo social a perda de sua individualidade em lugares anônimos de passagem, dos quais ninguém faz parte: “O não lugar é o espaço dos outros sem a presença dos outros, o espaço constituído em espetáculo” (AUGÉ, 1994, p. 167). Sobre a identidade do espaço, o autor ainda aponta:

Se a tradição antropológica ligou a questão da alteridade (ou da identidade) à do espaço, é porque os processos de simbolização colocados em prática pelos grupos sociais deviam compreender e controlar o espaço para se compreenderem e se organizarem a si mesmos (AUGÉ, 1994, p. 158).

Marc Augé defende o pensamento da simultaneidade do espaço físico com o espaço social de forma coexistente e empírica nos espaços construídos e espaços vividos, podendo ser interpretado sob mais de um ponto de vista social, numa espécie de jogo variado de arranjos onde espaços podem ser simultaneamente cheio e vazio, lugar e não-lugar.

Se definirmos o não lugar não como um espaço empiricamente identificável (um aeroporto, um hipermercado ou um monitor de televisão), mas como o espaço criado pelo olhar que o toma como objeto, podemos admitir que o não lugar de uns (por exemplo, os passageiros em trânsito num aeroporto) seja o lugar de outros (por exemplo, os que trabalham nesse aeroporto) (AUGÉ, 1994, p. 116).

Michel de Certeau (1998) sugere que essa interpretação pode ser alterada e que o frequentador dessa cidade seja possível de inventar novos hábitos, criar novos caminhos para além daqueles que a ordem espacial possibilita. Entretanto, Certeau (1998) afirma que a cidade é reflexo das transformações sociais e econômicas onde os indivíduos se relacionam com o lugar a partir da memória e das experiências vivenciadas.

4 MAPEANDO OS QUINTAIS NA ÁREA CENTRAL DE PATOS DE MINAS

Para identificar a evolução da ocupação urbana em Patos de Minas, o recorte de estudo baseou-se na pré-concepção de que, na área central, existe um processo mais acelerado de apagamento desses quintais urbanos comparados com os dos bairros periféricos, que não participam das mesmas transformações. Em função de suas variadas complexidades e da escala macro de uma cidade como Patos de Minas, para o reconhecimento da percepção de sua imagem a partir das transformações dos quintais,

supôs-se que seria necessário fazer um recorte seletivo de um fragmento territorial urbano entre os demais. Inicialmente, determinou-se que o recorte de levantamento e análise dos quintais urbanos patenses seria definido a partir do perímetro original da cidade, registrado no primeiro levantamento elaborado pelo Engenheiro Néelson Rodrigues em 1935. Entretanto, com a intenção de reduzir a área de levantamento, subtraiu-se um pequeno recorte à esquerda da primeira delimitação.

Figura 2: Primeiro Plano Urbano de Patos de Minas, levantamento de 1935 pelo engenheiro Néelson Rodrigues



Fonte: Prefeitura Municipal de Patos de Minas, 2023.

Figura 3: Fragmento do mapa de Patos de Minas com a demarcação (em vermelho) da ocupação até 1935



Fonte: adaptado pelas autoras, 2023.

Figura 4: Recorte final mapeado nesta pesquisa



Fonte: adaptado pelas autoras, 2023.

Algumas imagens sobre essa área urbana foram fornecidas e coletadas no Museu da Cidade de Patos de Minas (MuP). Em períodos diferentes (desde os anos 1930 é possível perceber claramente que, mesmo sendo uma área central, o interior das quadras apresenta manchas vegetativas densas.

Figura 5: Imagens aéreas da área central de Patos de Minas. Década de 1970



Fonte MUP, 2023.

Figura 6: Imagem aérea da região central de Patos de Minas na década de 1930 e 1940.



Fonte MUP, 2023.

Figura 7: Imagem aérea da área central de Patos de Minas na década de 50 e anos 2000, sugerindo uma expressiva redução de manchas vegetativas no campo delimitado.



Fonte: MUP, 2023.

Ainda que essa leitura sobre esses registros fotográficos coletados em um arquivo público municipal não seja estruturada por meios sistemáticos e precisamente cartográficos e que os ângulos e pontos de vistas fotografados não sejam os mesmos, fica evidente que a massa de edificações aumentou, e as manchas vegetativas se alteram em quantidade e volume.

A fase cartográfica foi desenvolvida por meio de um estudo comparativo entre o redesenho da área definida e apresentada em mapas do GoogleMaps levantados nos anos 2005 (ano de registro mais antigo e legível no aplicativo, segundo a escala necessária) e de 2023 (ano de desenvolvimento da pesquisa). A leitura da área a partir do redesenho desses mapas foi um procedimento metodológico adotado para destacar os fragmentos morfológicos que permitissem identificar uma estrutura básica que evidenciasse os vazios em interiores de lotes, as áreas edificadas e suas variações ocupadas existentes entre os dois mapas, ou seja, o período de 18 anos que separa os anos 2005 e 2023. No processo de redesenho e trabalho de campo desses quintais, observou-se que, espacialmente, a distribuição deles ocorre de maneira irregular na espacialidade da cidade; além disso, alguns quintais apresentavam diferentes condições estruturais e formas de uso.

Figura 8: Ocupação urbana de Patos de Minas em 2005 e em 2023



Fonte: elaborado pelas autoras, 2023.

Na área estudada, foram levantadas apenas quatro categorias morfológicas: EDIFICAÇÕES, VAZIOS PERMEÁVEIS, VAZIOS IMPERMEÁVEIS E PRAÇAS. Foi possível perceber que os elementos estruturantes da malha urbana nessa região, como

quadras, praças e ruas, ainda compõem o mesmo desenho, assim como a permanência de moradores de classe média alta. Entretanto a verticalização, principalmente nas quadras adjacentes da Avenida Getúlio Vargas, assim como a maior inserção e implantação de edificações destinadas ao comércio e prestações de serviços, acompanhou as substituições de casarões antigos por novas e amplas edificações, diminuindo expressivamente os espaços vazios nos interiores desses lotes.

Outra questão importante que favorece o apagamento dos quintais urbanos se dá pelo fato de essa área está, prioritariamente, na Macrozona de Adensamento Preferencial¹ que, de acordo com a Lei Complementar do Município, caracteriza-se pela predominância do uso residencial e misto, com as infraestruturas de serviços urbanos consolidadas, permitindo o adensamento vertical. Sendo verificadas, em mapas e visitas de campo, a efetividade de verticalização e a redução de vazios ocorrendo principalmente nas manchas definidas como vazios impermeáveis, percebe-se que a legislação vigente parece promover essas reduções de áreas livres existentes, que, em sua maioria, trata de terrenos privados e com grande potencial de construção futura devido à especulação imobiliária existente no local. Ainda se trata de quadras com a presença de residências em seu entorno, geralmente de bom padrão construtivo. Talvez ainda seja possível reverter esse processo de apagamento.

Figura 9: Quadras adjacentes às praças Getúlio Vargas. Ocupação urbana em 2005 e em 2023



Fonte: elaborado pelas autoras, 2023.

¹ LEI COMPLEMENTAR Nº 320, DE 31 DE DEZEMBRO DE 2008. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-de-zoneamento-uso-e-ocupacao-do-solo-patos-de-minas-mg>.

Não foi possível verificar o estado e usos atuais dos espaços nesses interiores de quadras, devido ao difícil acesso a essas áreas e à quantidade de quadras analisadas. De acordo com as características perceptivas da área analisada, a maioria das quadras não estabelece uma relação direta com a rua. Cria-se uma sensação de que os quintais sofrem processo de apagamento, principalmente como elementos na paisagem da cidade. Por outro lado, a partir da aparente negligência de algumas dessas áreas, é provável que o potencial de uso dos quintais como espaços de afetividade e lugares de lazer para as famílias venha caído em desuso e que essa prática venha se tornando cada vez mais precária em inúmeras dessas quadras, sem acessibilidade ou até mesmo em total estado de abandono. Essas precariedades influenciam outras questões problemáticas para a cidade, como o aquecimento microambiental, que compromete também o contexto urbano geral, a dificuldade de drenagem das águas e a falta de arborização, entre outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que os impactos gerados pelo processo de ocupação e verticalização no centro da cidade nas últimas décadas ainda é algo não amplamente abordado e contemplado. Os impactos ambientais ocorrendo com tamanha violência podem ser drásticos e irreversíveis, provavelmente gerando falta de valorização e de reconhecimento do valor desses lugares como identidade cultural. Esses impactos podem também reduzir a relevância dos quintais como marcos simbólicos e elementos morfológicos urbanos, notadamente importantes para qualquer cidade, mas exclusivamente para uma cidade interiorana onde esse contato com os quintais ainda é protagonista de muitos eventos. Os quintais são espaços livres que colaboram e muito com a qualidade ambiental, devido às árvores de seus pomares e às faixas de permeabilidade, que atuam como áreas drenantes em contraposição a um território urbano cada vez mais impermeável.

Essa pesquisa pretende colaborar, como demanda urgente, para uma revisão e construção de novos olhares sobre o tipo de tratamento municipal oferecido a esses quintais urbanos. O reconhecimento da importância desses vazios para as cidades solicita um processo de educação social que consolide na comunidade a relevância de se fazer um resgate de identidade cultural de suas práticas e saberes. Esses reconhecimentos devem ser consolidados por meio de várias práticas, sendo uma delas a pesquisa científica. Nos últimos anos, felizmente, vimos a evolução urbana de Patos de Minas sendo narrada por vários trabalhos acadêmicos em nível de iniciação científica, mestrado e doutorado, em áreas distintas como a História, Geografia, Direito e Arquitetura, entre tantos outros. Contudo, as investigações dessa pesquisa, assim como todas as outras em percurso, ainda não estão esgotadas.

Sendo Patos de Minas uma cidade média, onde há necessidade de integração do meio natural e urbano, que esse estudo seja uma ferramenta futura para o incentivo de aproximação e reintegração da população com os interiores de lote, de forma consciente e ambiental; que esse estudo seja colaborador na revelação potencial desses lugares, que, hoje, habitualmente são tratados como espaço residual; que possa haver uma melhor relação de apropriação e pertencimento entre os quintais e comunidade em

questão, fomentando trocas sociais, e que esses lugares possam ser território para uma variedade de possibilidades culturais. Acredita-se que outros levantamentos possam consolidar a ideia de que Patos de Minas ainda é território de quintais afetivos, mas que, ao longo de sua evolução urbana, eles podem entrar em extinção ou podem ir se modificando e anulando a relevância desses resíduos até se tornarem simbolicamente espaços sociais problemáticos e inseguros no imaginário da comunidade local. Com esses mapeamentos, é possível visualizar e registrar a dimensão dos problemas mais graves encontrados e o quanto essas áreas encontram-se em estado de degradação.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/902>.
- AMORIM, N. C. R. **O uso das unidades de paisagem como ferramenta metodológica para análise do sistema de espaços livres**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design, Universidade Federal de Uberlândia, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/12272>.
- BAUMANN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6011973/mod_resource/content/1/Confianca%20e%20Medo%20na%20Cidade%20-%20Zygmunt%20Bauman.pdf.
- CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001. Disponível em: https://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/Espaço-Tempo%20da%20Vida%20Cotidiana%20na%20Metrópole_.pdf.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998. Disponível em: <https://portal.uneb.br/gestec/wp-content/uploads/sites/69/2018/02/74892255-A-Invencao-do-cotidiano-Michel-de-Certeau.compressed.pdf>.
- DOURADO, G. M. Vegetação e quintais da casa brasileira. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 19, p. 83-102, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i19p83-101>.
- FARIAS, J. A. A urbanização dispersa e a produção de vazios metropolitanos. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 3., 2014, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ENANPARQ, 2014. p. 1-14. Disponível em: https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/ST/ST-HDC-005-5_FARIAS.ALMIR.pdf.
- FERRARA, L. D'A. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Editora Ática, 1997. (Série Princípios). Disponível em: <https://docero.com.br/doc/8xn01e0>.

GOMES, A. M. S. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negroafricana**: terreiros, quilombos, quintais da Grande BH. 2009. 272 f. Tese (Doutorado em Geografia), Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/MPBB-8DVGBM>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Minas Gerais**: Patos de Minas. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/patos-de-minas/panorama>.

HALL, P. **Cidades do amanhã**: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos do século XX. São Paulo: Perspectiva, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6011956/mod_resource/content/1/Peter%20Hall%20-%20A%20cidade%20no%20jardim.pdf.

LEMOS, C. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.

MARTINS, A. R. G. **Vazios urbanos como oportunidade de integração multidisciplinar no projeto paisagístico**. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura Paisagista), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade do Algarve, Faro - Portugal, 2013. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/3695>.

MORENO, J. **O futuro das cidades**. São Paulo: Ed. Senac, 2002. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/65474145/livro-o-futuro-das-cidades-julio-moreno>.

PORTO, M. N. Ações poéticas na cidade pró-quintal: você ainda tem quintal?. **PÓS**: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, v. 07, n. 13, p. 258-274, maio/out. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15716>.

PEREIRA, S. G.; AMARAL, A. de F. Mapeamento dos fragmentos de cerrado no perímetro urbano de Patos de Minas - MG Brasil. *In*: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 8., 2007, Caxambu - MG. **Anais [...]**. Caxambu - MG: CEB, 2007. p. 1-2. Disponível em: <http://www.seb-ecologia.org.br/revistas/indexar/anais/viiiiceb/pdf/336.pdf>.

QUEIROGA, E. F. Por um paisagismo crítico: uma leitura sobre a contribuição de Miranda Magnoli para a ampliação do *corpus* disciplinar do paisagismo. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 21, p. 55-63, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i21p55-63>.

QUEIROGA, E. F.; MACEDO, S. S.; CAMPOS, A. C.; GONÇALVES, F. GALENDER, F.; DEGREAS, H.; AKAMINE, R.; CUSTÓDIO, V. **Sistemas de espaços livres**: conceitos, conflitos e paisagens. São Paulo: FAUUSP, p. 11-20, 2011.

QUEIROGA, E. F. **Dimensões públicas do espaço contemporâneo**: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros. São Paulo: Livre-Docente em Arquitetura e Urbanismo, 2012.

REIS, W. C. **Poético, afetivo e semiótico**: o significado de quintal em narrativas de duas gerações de famílias. 2015. 174 f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea), Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2015. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/123456730/145>.

REIS FILHO, N. G. **Evolução urbana no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

SÁ, T. Lugares e não lugares em Marc Augé. **Tempo Social**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 209-229, jul. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000200012>.

SILVA, L. O. Os quintais e a morada brasileira. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 61-78, 2004. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/852>.

SOUSA, C. A. de. **Do cheio para o vazio**: metodologia e estratégia na avaliação de espaços urbanos obsoletos. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa - Portugal, 2010. Disponível em: https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/395142195938/DO%20CHEIO%20PARA%20O%20VAZIO_versao%20final.pdf.

VARGAS, H. C.; CASTILHO, A. L. H. de. **Intervenções em centros urbanos**: objetivos, estratégias e resultados. Barueri: Manole, 2006.